

# ALVORADA

2.º Ano

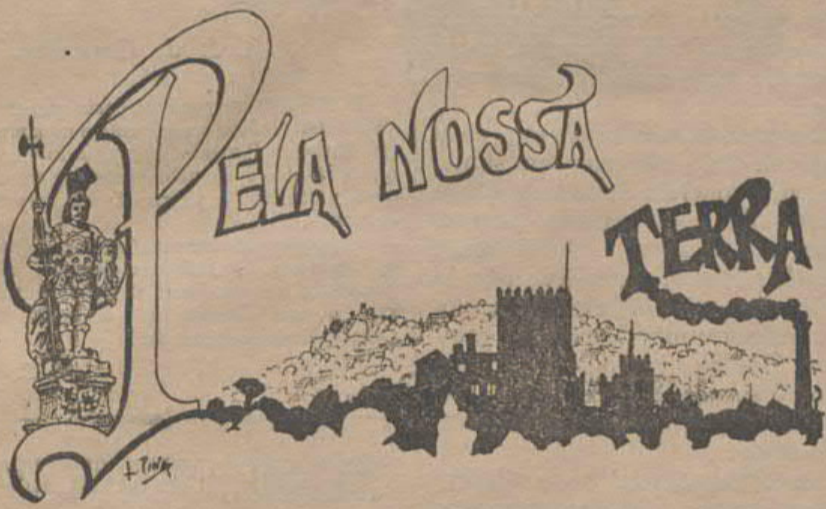
SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 56

Editor,  
**Dr. Alberto Rodrigues**  
Redacção e administração  
Rua da Republica  
GUIMARÃES

Redactor principal,  
**A. L. de Carvalho**  
Propriedade da **Imprensa da ALVORADA**  
Guimarães, 14 de Dezembro de 1911

Secretario da redacção,  
**Capitão L. A. Pina Guimarães**  
Officinas de composição e impressão  
Tipografia Minerva Vimaranesa  
R. DE PAYO GALVÃO



## Os nossos bombeiros

Associação Humanitaria dos Bombeiros Voluntarios de Guimarães

Sendo esta instituição uma das mais uteis, pelo seu fim humanitario, é, porisso mesmo, a mais simpatica para os vimaranenses, tanto mais que a ela andam ligados prodigios de valor e dedicação, herdados da extinta corporação dos bombeiros municipais, a ela ligada por contracto de fusão ha perto de vinte annos.

Data de 1788 a existencia de bombeiros em Guimarães, pela aquisição de tres bombas feita para Inglaterra, em virtude de uma subscrição aberta na cidade, no ano anterior; e foi a 19 de março de 1877 que, por iniciativa do seu primeiro comandante José Martins de Queiroz (Minotes), se instituiu a associação dos bombeiros voluntarios, na rua de D. João I, com 1 bomba *Flaud* e utensilios modernos para a época, adquiridos com um subsidio mensal de socios protectores.

A partir de janeiro de 1887, em que foi eleito, por aclamação, seu comandante Antonio Augusto da Silva Caldas, que Gomes Fernandes muito apreciava pela suas qualidades de iniciativa, valor e coragem, a corporação dos bombeiros voluntarios de Guimarães progrediu rapidamente, sendo o material augmentado de duas bombas alemãs *Carl Metz*, uma escada *Magirus*, um carro de material e outros preciosos aparelhos de salvacão.

Dotou-a com estação propria, que ainda hoje é a sede da associação, á rua de Paio Galvão, na qual se gastaram quatro contos de réis, e que se compõe de tres amplas casernas, duas salas e um esqueleto de tres andares, hoje iluminado a dois arcos voltaicos.

Pelo seu passamento, acontecido em janeiro de 1894, succedeu-lhe o actual comandante Simão da Costa Guimarães, que, graças á sua competência, tenacidade e valor, tem, com uma dedicação sem limites, sabido criar á sua corporação um logar de destaque entre as suas congéneres do paiz, á qual acrescentou mais uma bomba, tres carros de mangueiras, um carro-farol *Vells Light*, de 2500 velas de poder illuminante, um car-

ro de material para tracção animal e manual, com ambulancia, leve e bem lançado, construido aqui sob a direcção do 1.º e 2.º comandantes, um lençol de salvacão, doze escadas de gancho, duas escadas portuenses e mangueiras, que hoje atingem um desenvolvimento de 2000 metros, pela exigencia da canalisação das aguas; uma biblioteca com 900 volumes, na sala de leitura, com magnificas estantes, e uma caixa de socorros iniciada em 1898, para a qual o comandante Costa concorreu com cinco accões do banco, no valor de 75:000 réis, e que hoje tem o capital de 12700:000 réis, cujo pequeno rendimento tem servido de socorro a bombeiros necessitados.

O fardamento actual da corporação, tipico, mas modesto, diz muito bem no ar grave e disciplinado que ella toma, quer em formatura e exercicios, admirados na festa da cidade, quer nos incendios, que ataca com denodo e pericia, para o que concorrem tambem os exemplos e as qualidades nats do 2.º comandante, actual reitor do liceu e bombeiro desde os 16 annos, do 1.º e 2.º patrões Eduardo e Avelino Guimarães, e do heroico Paredes, de largos servicos na extincção de incendios.

Ainda ha pouco, no incendio parcial da fabrica de Negrelos, os nossos bombeiros se houveram por tal forma, apesar dos 15 kilometros a vencer, que foram recompensados com a dádiva de 1500000 réis.

Ao visitar a sede desta prestantissima associação, acompanhados dos dois distintos comandantes, sentimos natural orgulho, como vimaranenses, ao notarmos o asseio, a boa ordem e quasi luxo que ali se respira. Pelas tres casernas, de magnifico pé-direito, de communicacão immediata com a rua e servidas por tres arcos voltaicos, vê-se disposto para a pronta saída o seu magnifico material sobre 12 carros, que na caserna central, a maior, assenta em estrados rolantes sobre rails transvetuais.

O escafandro, o lençol de salvacão, a maca *Magirus*, as nume-

rosas escadas, os sarilhos de mangueiras de reserva, os alicates para corte de fio de illuminacão, luvas de cantchouc e outro precioso material espalhado pelos diversos carros, dá-nos a medida do esforço e da boa vontade empregada com fins tão humanitarios, de merecida gratidão dos vimaranenses.

A Cruz de Pedra e ao Canó existem duas sucursaes com bom-

ba e outro material indispensavel.

Na magnifica sala das sessões com installação electrica, bom mobiliario, relógio e barometro, tornam-se gratos á nossa vista os retratos a olio dos antigos comandantes Minotes, Caldas, Penafort, do actual 1.º comandante Simão Costa, benemeritos Souza Junior e João de Melo, e dois caixilhos com retratos de bombeiros existentes em 1891 e 1892.



## LEI DE SEPARAÇÃO

### Misterio que se desvenda

Sabe-se agora que Rôma não condenou *in limine* a aceitação das pensões provisórias arbitradas ao clero em virtude da lei de separação e das resoluções posteriores da Assembleia Nacional Constituinte, que hoje se elevam a um numero digno de registo, dada a campanha dos catholicos intransigentes e dos chefes da reacção jesuitica.

Merry del Val, secretario do Papa, informou o patriarca que os sacerdotes collocados em situação difficil pela nova ordem das coisas podiam aceitar a pensão, sem incorrerem em penalidades canonicas, desde que ficassem adidos á Santa Sé. Os prelados, porém, porque não quizeram ou para provocar um movimento reaccionario, que não sortiu os de-

sejados efeitos, sobreestaram na sua publicação, evitando assim que o numero de sacerdotes pensionistas fosse em maior quantidade provavel, se os desejos de Rôma fossem por elles conhecidos a tempo.

Simultaneamente os clerigos que aceitaram a pensão eram perseguidos no norte, como lobos, pelos que a recusaram, por processos nada em harmonia com as maximas evangelicas, e não consta que os bispos recalitrantes suspendessem ainda qualquer eclesiastico pensionista.

Isto lança alguma luz sobre o modo de proceder e os intuitos de quem se encontra á frente do clero nacional, a quem o pulso firme dos titulares da Justiça tem cortado irritorios vãos,



## A «fita»

### dos acontecimentos

Zôa a carvalheira e a chuva é inclemente. Aresta Branco continúa a ser o arbitro do regimento parlamentar, parlamento onde o caso Batalha Reis recebe a ultima pázada. Na Lourinhã cria-se um novo scisma religioso sob a égide de Igreja Catolica Apostolica (Romana?) isso sim: Luzitana, que é como quem diz, liberta da autoridade papal. O calendario marca dias santos aos pares; passou o da ex-padroeira com os seus sermões, onde a evocação de efeito foi: «Ó virgem, salvai Portugal!»; acaba de passar o da «santa dos olhos de prata», que, por signal, é um dia santo sem foros de cidade. Pelo bom costume continuou a realizar-se entre nós aquele «banquete monstro», aquela «hecatombe», aquele «suicidio» de 30 pratos; franquezinha, porém, nada temos com os actos privados da vida dum pitoresco e divertido cidadão, desde que, contra o costume, já o «menu» não vem ostentar-se nos bi-semanarios... como que a rir-se dos que tinham fome. Na capital, em tribunal de juri, estão sendo julgados os conspiradores. Ali, um advogado de defeza fala do povo com sobranceira e desdem, e o povo avança em furia aceza contra o advogado desdenhoso e sobranceiro. Toma! Para epilogo, succede a tragedia horrivel do Porto, onde 2 americanos são precipitados no Douro, dando a morte a 15 criaturas. A chuva e o vento continuam e toda a gente de gosto pergunta: «até quando?»; como «até quando é que dura?», continuam a perguntar certos *cavalheiros*, referindo-se á «Alvorada», impacientes de ella não sofrer descanço...

### Travado a tempo

Descobriu-se, em Lisboa, que no Centro Silva Carvalho, á Estrela, conservado sob promessas de passar a exclusivo instituto de ensino, se ministrava ás crianças uma educação requintadamente jesuitica, mesmo durante as horas das aulas, com as suas prelecções anti-republicanas á mistura.

Decididamente o nosso Paiz caminhava a passos agigantados para se converter num coio de jesuitas das duas especies conhecidas... para honra e lustre da monarchia.



## Está certo?

Correligionario anonimo escreveu-nos, a proposito da «Carta aberta a um enforcado», o seguinte, e que nos oferecia como lição:

*Os mortos respeitam-se;  
Nos vencidos não se bate.*

Eloquente como lição, não ha duvida, só com a diferença de que, sendo sempre tempo de defender a verdade, a verdade mandava que se dissesse... o que 5 anos generosamente se calou. E, note-se, temos ainda um credito: é que ha a atender de que não fomos nós quem provocou—foi o lente, pois não soube dizer como o poeta:

*Eu me arrependo: a lingua, quasi fria,  
Brade em alto pregão á mocidade  
Que atrás do som phantastico corria:  
Rasga minha prosa! cre na Republica!*

## —Que religião tem?

O snr. abade de Tagilde, que o advento da Republica integrou completamente no exercicio das suas funções pastorais, arrumando-o para fóra da politica, continúa, talvez por um principio a que se ligue menos a sua fé que a sua doença, malquistando-se com o regimen.

Com o preenchimento dos boletins recenseadores da população, onde, como já aqui dissemos, vinha incluída uma pergunta, por demais,—a interrogação referente á religião de cada um—o snr. abade, sabendo que o recenseador cumprira o seu dever não fazendo caso dela, chamára á sua residencia os paroquianos e, destacando-lhe uma observação que não deixava descobrir os seus intuitos, escreveu nos referidos boletins: —*Catolica Apostolica Romana.*

O que faz a caturrice dum velho padre politico!

## Outros tempos? outras ideias?

Out'ora, reconhecer o Directorio do Partido Republicano era tão sómente uma demonstração de disciplina partidária. Hoje, reconhecer o Directorio do Partido Republicano é filiar-se a gente no Grupo Democratico!

Quem fez esta confusão?

Nós não fomos, pois continuamos a estar onde sempre estivemos.

## Pião á unha

A imprensa estrangeira, nomeadamente «L'Humanité», jornal francez, informa que, durante a revolução de Outubro, fóra pedida por D. Manuel auxilio á Hespanha e Inglaterra, mas que, tendo-se recusado esta, se voltára para a Allemanha, oferecendo a provincia de Angola a troco de alguns couraçados para bombardearem Lisboa.

D. Amelia, por seu lado, pediu a Affonso XIII alguns regimentos para invadirem a nossa fronteira, gorando o trama por circunstancias de ordem diplomatica e por desacordo dos respectivos governos, persistindo, porém, a má vontade da Hespanha, como o atesta a escandalosa protecção dispensada aos realistas da fronteira.

Comentários? Para quê!...

## Carta

Do dr. Alfredo Pimenta

Snr. Redactor:—Optimo! Admiravel! Não calcula a alegria intensa, o riso convulso que se apoderou de mim, quando, hontem, ao sahir pacatamente de minha casa, por um sol quente e vivificante, abri a *Alvorada* e li a noticia referente á sessão do Centro Republicano em que foi discutido e—que alegria! Santo Deus!—censurado. Olhei-me e interroguei-me. E durante a puxada hora que de minha casa vai a Lisboa, submeti-me a um exame de consciencia profundo e rigido, na averiguação dos meus crimes, das minhas traições, das minhas deslealdades,—unicas circunstancias que podiam justificar a decisão do douta assemblea quanto á eliminação de quaisquer referencias de reconhecimento que na moção bizarra do cidadão e meu fugido amigo A. Lopes de Carvalho, se encontravam. De facto, eu sou um traidor ao partido Republicano, que abandonei e não servi, porque nunca luctei e não sei luctar. Eu sou um inimigo da Republica porque nunca sacrifiquei um minuto do meu trabalho, um ápice das minhas commodidades e um instante só do socego dos meus filhos. E' justo o castigo, é justo que as censuras caiam sobre a minha cabeça,—a cabeça do criminoso, do homem que viveu commodamente durante a monarchia, em paz com os seus, na corda bamba bem equilibrado, porque estabelecera a transigencia como norma, a subservencia como systema. Optimo, snr. Redactor, que seja precisamente eu, o mariola a quem os partidos monarchicos de Guimarães encheram de benesses, que nunca fizera uma affirmação clara que não sustentasse, ou esboçara um gesto de revolta que não confirmasse, que seja precisamente eu o primeiro a ser maltratado pelos velhissimos correligionarios que compuzeram essa assemblea geral e que, tomados de uma sagrada indignação, cuspiram sobre o meu nome, o mascarado, o encoberto epitheto de transfuga e traidor, de desleal e embusteiro. Optimo, snr. Redactor, admiravel tudo o que se passou, desde a bizarra moção do meu fugido A. Lopes de Carvalho até aos irritantes comentarios que o cidadão Amadeu Cabanellas, velho republicano que me recordo de ter encontrado ao meu lado em todas as luctas e sacrificios, em conspirações e trabalhos,—fez ao procedimento inatacavel de meu querido irmão, Rodrigo Pimenta, a cujo caracter e a cuja intelligencia muito grato me é prestar neste momento homenagem.

Ah! snr. Redactor! Ponha de parte V... a ironia amarga que nessas linhas fica, e compreenda, se pode, a amargura infinita de meu coração ao vêr-me combatido por forma tão incorrecta, por cidadãos que ainda não ha muito só em mim diziam confiar, só no meu nome tinham fé, e só nas minhas palavras encontravam sinceridade. Assisti ao Congresso do Partido, serenamente, sem partidismos especiais, sem paixão de natureza alguma, visto como paixão politica só uma tive sempre, só uma tenho, só uma hei de ter até á hora da morte: a paixão da Republica. O Congresso foi um lavar de roupa suja. Pela abstenção de maioria dos congressistas, ficou, em breve, reduzido a uma assemblea do Grupo Democratico. O Directorio foi eleito por esse grupo—e só por esse grupo. O Directorio representa, pois,

esse grupo—e só esse grupo. O Centro Republicano de Guimarães, reconhecendo esse Directorio, filia-se no Grupo Democratico. Está no uso de um pleno direito que ninguem, de boa-fé, lhe pode contestar. Mas o que podia, o que devia era dispensar-se de enxovalhar quem sempre foi honesto, com insinuações que são ridiculas á força de serem tôlas. Não quero, assim, commentar a decisão do Centro, se bem que tivesse immensas incongruencias e disparates a salientar. Mas aproveito a occasião para mostrar a minha extranheza perante as censuras descabidas que se fazem, que fez o cidadão Cabanellas, velho republicano que nunca faltou na hora do perigo a expôr a sua vida e a sua tranquillidade, a meu irmão Rodrigo Pimenta por este, calculando que a liberdade de, individualmente, particularmente, pessoalmente, proceder como quizesse não lhe estava cerceada, fazer parte de uma commissão encarregada de reaber o meu amigo dr. Antonio José d'Almeida, e pretender á organisação de um centro que não seja matriculado no Grupo Democratico. Elle nunca tendo procedido como presidente do Centro, pois não foi nessa qualidade que assignou os convites, nem nessa qualidade se dirigiu ao dr. Antonio José d'Almeida, desde o momento que não faltasse aos mais rudimentares principios da honra, nem atraísse as ideas republicanas, podia dirigir-se para onde quizesse, sem ter que dar satisfações a ninguem.

E' lamentavel, snr. Redactor, que eu tenha de escrever esta carta e de lh'a dirigir, esperando que, lembrando-se da amizade que dizia ter-me e que, de facto, me manifestou, a fará publicar na integra no 1.º numero da *Alvorada*. E' lamentavel, porque eu não merecia que o Centro Republicano de Guimaraens fizesse o que fez. Mas fica-me sempre presente a lição. E já não terei que estranhar se amanhã, nas ruas da cidade de Guimarães fôr corrido e apupado como traidor, como vendido, como... thalassa!

Como as coisas são! Como os homens mudam! Como tudo isto é triste e repugnante e amargurante!

De V...

Dafundo,  
3 de Dezembro de 1911.

Alfredo Pimenta.

## Em resposta

Meu presado conterraneo dr. Alfredo Pimenta:

«Fugido amigo» me chama o meu presado conterraneo em sua *mal dormida* carta—e porquê?

Acaso eu não corresponderia á sua estima com a minha estima? Cometi por ventura acção desprimorosa e feia que o leve a afastar-se de mim? Agravaram-me meus pensamentos, palavras ou obras, sem que do agravo eu haja conhecimento?—ou será a paga de eu, em tantas conjunturas e em diversas circunstancias, ter posto ao serviço dum sentimento de simpatia pessoal quasi ignorada a melhor defeza e a mais entusiastica solidariedade perante aqueles que, seguindo-o hoje, ainda hontem lhe amesquinham a reputação, rindo daquilo que eu dizia ser o seu talento, o seu caracter e os seus principios?

Ora mas basta de enxertar interrogações a êsmo, pois que é o meu presado conterraneo quem, poupando-me a alegações, este

motivo alega:—O eu ter votado pela legitimidade do Directorio!!!

Unico!

E assim ficamos sabendo que não é licito ter opiniões diferentes das opiniões dos amigos, ou que, tendo-as, sabido fica que vedado nos é manifesta-las sem consentimento previo dos amigos!

Mas adiante. Malquistado, embora, para o coração do meu presado conterraneo, isso não obsta a que deixe de responder a todos os outros pontos essenciaes de sua carta.

Julgou-se V., dr. Alfredo, desconsiderado e, mais do que desconsiderado, julgou-se repellido da gratidão e da estima dos republicanos de Guimarães, só porque eles, no goso pleno da sua liberdade de opinião, votaram, como eu, pela legitimidade do Directorio!

Sim, nada mais se passou, nada mais se fez, nada mais, em suma, se pode concluir dessa assemblea partidaria que, reunida para se pronunciar sobre a legitimidade do Directorio, entendeu, por si e sem pressões de extranhos, votar pelo reconhecimento do mesmo! Que ha nisto de extraordinario ou subsequentemente de aggressivo para quem pensa de modo diferente?

A circumstancia de o Centro Republicano o haver nomeado delegado ao Congresso exige de alguém a obrigação de o seguir, adoptando a orientação que nele, segundo o seu critério, se impôz? Não. E não, porque, assim como a representação ao Congresso lhe foi oferecida sem nenhuma especie de condições ou restricções, do mesmo modo não tem que tomar como agravo, censura ou desprimor a liberdade que o Centro para ele tomou, decidindo-se, segundo o seu critério tambem.

Assim se usa em democracia. Que mais ha?

Votou a mesma assemblea contra as palavras de reconhecimento a si exaradas na minha proposta, é certo; mas, até certo ponto, não deixa o facto de ter a sua logica, visto que até ao fim da apaixonada discussão, a assemblea geral fez acentuar, sem o pretender atingir, que não estava ali reunida para discutir a orientação do representante do Centro ao Congresso,—visto que não fóra ouvida sequer para a sua nomeação—e, por consequencia, nada ter esta que apreciar ou votar o reconhecimento exarado, relegando para a direcção do Centro, como argumentára, essa delicada e devida obrigação.

Foi diante deste parecer que eu não puz duvida em retitar a referencia.

Nada mais ali se disse que não fossem palavras de subida estima e apreço ás superiores qualidades do meu presado conterraneo. A que veem, pois, semelhantes tiradas de facinorosos ataques de ingratião? Para que se dá ao luxo de armar em victima, antegosando os efeitos dum martirio logico comodo? O socio Cabanellas não embebeu, como supõe, a esponja da discussão no vinagre das injustiças sociaes. Ninguem ali lhe chamou «transfuga», «desleal», «embusteiro», «traidôr»!

Ninguem ali, pela sua attitude ou pelas suas palavras, merece o desamor de que tanto se resente a sua carta!

Eu, que ali estive, não esqueci tambem, por minha parte, e a assemblea não deixou de aplaudir comigo o reconhecimento que lhe devemos por serviços prestados. Não deve, pois, por exagerado amor proprio ou irritabilidade de momento, julgar tão

mal dos seus correligionarios de Guimarães, porque podem eles não fazer parte do numero dos grandes capitalistas, dos grandes industriaes, dos grandes bachareis, dos grandes... da terra, emfim, mas esteja certo de que é no meio desses anónimos que mais depressa surge quem saiba, a dentro da sua insignificancia, mostrar firmeza de opiniões...

Em vez, pois, de o meu presado conterraneo se lamuriar, sangrando-se com saude, mais valôr e apreço lhe acharia se me espizesse as «incongruencias» da minha «bizarra» moção, visto que, não tendo eu o orgulho do saber, como o filosofo digo que—o que sei é que não sei coisa alguma!

Eis o que pensa o seu amigo que não foge,

A. L. de Carvalho.

P. S.—Não respondo á parte que consiste numa defeza a seu irmão e meu amigo Rodrigo Pimenta, porque a intenção que a inspira é tão nobilitante que eu não ousou perturbar o prazer do seu coração de irmão.

Simplemente lamento que não achasse oportuna tão calorosa defeza no momento em que eu, junto dos dois, verberára o procedimento do presidente do Centro, Rodrigo Pimenta.

C.

## PRECISAMOS PRIMEIRO QUE TUDO DE BOA ADMINISTRAÇÃO

(Conclusão)

Os heroicos leões do mar que assombraram o Egypto e o Oriente pela sua bravura homerica chegavam, no tempo da revolução franceza, a comprar a pêso de diamantes as boas graças e os favôres da Convenção. A faustosa e beata côrte de D. Maria I e de D. João 6.º soffreu o ultrajante e grosseiro embaixadôr Junot, que tratava o principe regente por Monsieur du Brésil. A Hespanha que tinha feito connosco a campanha do Rousillon, em favôr da infeliz familia de Luiz 16.º, fez a paz com a Franca deixando-nos comprometidos com a Republica, e mais tarde alliando-se com Napoleão entrou no tratado da partilha de Portugal. Entrou Junot em Portugal, e o terror da familia real e dos aulicos chega a ser commico, se não fóra uma tremenda calamidade para Portugal.

A toda a prêssa se aprestam a nau, para ellas são carreadas todas as preciosidades a que do momento se pode lançar mão, a familia real, os aulicos e uma armada de quinze mil homens, lá vão mar em fóra, escoltados por outra esquadra britanica, pôr-se a salvo em terras do Brazil. Mas antes, muito á prêssa, nomea-se um conselheiro governativo a quem se incumbem o receber os francezes como amigos! Pouco depois do embarque principia a entrada dos francezes. Talvez que na fimbria do horizonte se distinguisse ainda a espuma da esteira da ultima nau!

O pôvo de Lisboa assiste pasmado ao derrenrolar destas scênas macabras da sua historia heroica, polluido pela cobardia e pelo mais cruel abandono! Dum lado os seus idolos, as suas riquezas confiadas aos acasos do mar revoltado, sem um vislumbre de resistencia, sem um protesto energico, sem um arranco formidavel como o que precede a morte dos herôes; do outro a entrada das famigeradas hostes napoleonicas, rôtas, esfrangalhadas, dispersas e de aspecto miserando, que, se não fóra o corpo de policia real commandado pelo emigrado Conde de Novion, mais



pareciam vencidos capturados pela policia real portugueza!

Junot entrou sem resistencias, graças ao terrôr que á Europa inspiravam os soldados de Napoleão, á expressa recommendação do principe regente de recebêr os francezes como amigos, e ainda ás ideias de liberdade dos incyclopedistas que os soldados francezes representavam.

Logo que a famosa esquadra poz a salvo em terras de Santa Cruz a familia real, d'alli partiu ordem para que a nação portugueza fizesse guerra aos francezes!

Oh suprêma irrisão! Oh profundo egoismo! A salvo dos acasos da lucta, lá de longe é que se tem coragem! A presença de espirito só aparece com a ausencia do corpo!

Segue-se a campanha peninsular cheia de rasgos de heroico civismo popular e de abjectas bajulações a Napoleão e aos seus caudilhos.

Junot retira de Portugal e na côrte de Napoleão brilha tanto pelas jóias, pedrarias e preciosidades arrancadas a Portugal, que causa um deslumbramento, como refere Las Casas, no Memorial de Santa Helena.

Terminada a guerra, repostas as coisas no seu logar, principia o fermento das ideias liberaes a germinar em Portugal, mas o mais que se consegue é canalisa-las em proveito da realza, sendo esta que dá as Cartas e não o Pôvo, que se vê obrigado a recebê-las.

Nesta epocha tinham acabado as naus dos quintos e os diamantes do Brazil, foi-se vivendo com a venda das preciosidades que ainda ficaram da immensa rapina dos paizes d'alem mar, e aparece agora o systema do emprestimo e dos impostos augmentados. Resultado: Portugal é um dos paizes da Europa, senão o unico da Europa em que a vida é mais cara e mais difícil, e tudo isto pela sua faustuosa e pessima administração particular e publica.

Não temos carvão, não temos ferro e apenas definhadas industrias vivem á sombra da protecção pautal. Com o carvão alimenta-se a machina, cria-se energia que é a alma das industrias. Com o ferro fabrica-se a machina, que é o operario potente que abarrota os mercados. A falta de carvão explore-se as quedas d'agua e aproveitem-se essas potentes e inexgotáveis fontes de energia com que a natureza dotou as nossas montanhas e as nossos cursos d'agua.

O ferro não falta na região de Moncórvio, diz-se; aproveite-se, pois.

As materias primas podem ser produzidas pelo nosso sólo continental, ou pelo das colonias.

A agricultura precisa de systemas de irrigação, de drenagens, de adubos e de capital barato para progredir.

Para tudo isto que é esmagador para o nosso meio financeiro, e que não pode ter solução rapida e immediata, é preciso capital que só poderá vir em nosso auxilio quando sejamos economicos, probos e honestos, pondo de parte as vaidades de luxo, que não se compadece com uma nação pobre, e principalmente porque, sendo o luxo representado por artigos de importação não cria no paiz uma industria compensadora, antes representa drenagem d'ouro que vai para o estrangeiro.

E' preciso desenvolvêr as caixas e as associações economicas, não só para augmentar a velocidade de circulação monetaria, para impedir o emprêgo desses capitães no estrangeiro, mas principi-

almente para crear e desenvolvêr o espirito economico em Portugal.

São estes problêmas de capital importancia que se impoem aos competentes e technicos, resolvê-los e pô-los em pratica é, presentemente, a obra mais meritória e patriótica que possa praticar-se.

Y.



—A Associação dos Cortidores, devido ao mau tempo, não realisoou no domingo passado, 10 do corrente, como anunciamos, a inauguração da nova bandeira que que aquela colectividade acaba de adquirir, ficando transferida para dia que oportunamente se designará.

No proximo domingo, 17, reúne esta Associação em assembleia geral extraordinaria para se proceder á eleição dos corpos gerentes para o ano de 1912.

—O dr. Sá Fernandes, juiz de investigação criminal no Porto, e que aqui viera nessa qualidade sindicado dos acontecimentos de 13 de Agosto, foi nomeado governador civil da mesma cidade.

Felicitemo-lo.

—O sr. Bento José Ribeiro, nosso velho correliigionario e comerciante no Brazil, vai mandar distribuir 50 fatos a crianças de ambos os sexos no dia 1.º de Janeiro.

Inutil é encarecer acto de tão subida grandeza, tanto mais que a semelhantes rasgos de filantropia social está habituado o coração magnanimo do nosso distinto conterraneo.

—Em breve publicaremos uma nota onde se dará a fórma como foi distribuida a ultima verba de beneficencia, embora já longos mezes se passassem sobre este promenor administrativo.

Julgamos comtudo conveniente fazer a sua publicidade para assim podermos contrastar como era diferente a maneira como tal distribuição se fazia em tempos do regimen de posto.

—Reformaram os seus estatutos a irmandade do Santos Passos e para o mesmo fim tem reunido as mezas d'outras corporações religiosas.

E' sabido que aquelas corporações que desejem legalisar a sua situação juridica tem de proceder á sua revisão estatutaria até 31 do corrente, sendo-lhes o prazo prorogado quando junto da autoridade declarem e prôvem estarem entregues a esse trabalho e para ele carecerem de mais tempo.

—Consta-nos que a «Alvorada» teve a honra duma querela. O artigo querelado é o que veio na nossa secção *Jornal para todos* sob o titulo —«Ao sr. Ministro das Finanças!»

O seu autor continúa, como se vê do numero de hoje, tratando do mesmo assunto.

Pela nossa parte temos a acrescentar que embora estranhos á materia que nele se verbera e discute, não podemos todavia deixar de afirmar que a opinião e o ruído que esse artigo provocou só tem despertado os aplausos e as simpatias gerais—prova flagrante da justiça que lhe assiste.

—Rectificando o que se disse no passado numero deste semanario

sobre a sindicancia feita á escrita da Associação Artistica, declaramos que ela comprehendera não apenas os ultimos dez annos como por equívoco dissemos, mas o periodo a partir de 1870, data da fundação daquela colectividade, até março de 1911, em que os sindicantes iniciaram a sua ardua tarefa.

—Faloceram as esposas dos srs. Tomaz Rocha dos Santos e Joaquim Moniz.

Pezames ás familias doridas.

—A Santa Luzia erecta na sua capelinha ali acima na rua que ainda o povo simplista e tradicional conhece pelo nome da mesma santa devota, teve ontem, no dia do seu nome, o seguinte rendimento:

6 Duzias de ovos, 7 alqueires de milho e 70 e tal mil reis em dinheiro.

Qual deve ser o destino desta colheita se era costume velho vê-la reverter em beneficio da Collegiada, ou mais directamente, dos seus conegos?

Lembrem-se dos pobresinhos e a Santa dos milagres como os seus devotados crentes, por certo estarão de acordo.

A Associação das Quatro Artes de Construção Civil tem na sua sede uma escola noturna para os seus associados. Foi uma magnifica ideia que bem deve merecer os aplausos de todos.

O Centro Republicano ofereceu-lhe de emprestimo a colleção dos cartões parietais metodo — João de Deus.

Tambem esta colectividade operária lançou as bases para uma cooperativa, tomando de sua conta todo o trabalho respeitante ás quatro classes.

Sabemos que a Comissão Administrativa da Camara tomou em consideração o seu pedido para que esta a preferisse nas suas obras.

—No Centro Republicano realisa-se domingo, em 2.ª convocação, a assembleia geral extraordinaria para se apreciar a attitude do Presidente da direcção e do desinvolvimento do Centro.

—Por falta de espaço deixamos de publicar um artigo dum *Cabeceirente* destinado a apreciar a «autenticidade» dum republicano historico muito discutido entre nós.

### Descanço nas farmácias

Mapa das Farmácias que se conservam abertas nos dias abaixo designados:

Dezembro	
DIAS	FARMACIAS
17	Cunha Mendes
24	Hospital
31	Dias Machado

### Mercado semanal.

No mercado semanal ultimo, venderam-se os generos pelos seguintes preços:

Trigo . . .	1\$000
Centeio . . .	670
Milho alvo . . .	800
Milhão branco . . .	650
» amarello . . .	630
Feijão vermelho . . .	1\$200
» branco . . .	1\$100
» amarello . . .	800
» rajado . . .	700
» fradinho . . .	750
Vinho tinto . . .	1\$200
Aguardente . . .	4\$500
Azeite . . .	9\$000
Batatas . . .	600
Ovos, duzia . . .	220
Gallinhas, uma . . .	650



Quem precise levantar a voz para uma reclamação, afirmar um direito, dar um alvitre, só tem que dirigir-se, de cara descoberta, a esta secção, que é um jornal para todos.

Vamos; enviem-nos a sua prosa, seja como fôr,  
—contanto que nela se defenda um principio justo, razoavel, humano, atendivel.

## Com vista ao sr. Ministro das Finanças

...Sr. Redactor da «Alvorada»:

Causou, como era facil de prever, enorme successo a nossa local que o seu conceituado jornal publicou no seu ultimo numero, sob a epigraphe «Com vista ao sr. Ministro das Finanças».

Consta-nos, porém, extrajudicialmente, que o arguido apresentou a sua queixa em juizo, alegando serem falsas as accusações que lhe imputamos. O cumulo do descaramento! Quantas dezenas de testemunhas quer elle para se provar o que na «Alvorada» se publicou?

Congratulamo-nos deveras com o seu procedimento, que é para nós mais uma gloria. E' mesmo em pleno tribunal que nós queremos, duma fórma categorica, serena e positiva, afirmar, com provas testemunhaes e até com documentos que possuímos, tudo quanto escrevemos a seu respeito e continuaremos a escrever, se tanto nos fôr preciso.

Julgava, talvez, o cavalheiro... Araujo que nos atemorizava com o processo?! pois enganou-se redondamente, por que até nos animou mais a carregar-lhe, com provas á vista, os abusos que tem commettido para com a Fazenda Nacional.

Com que então, diz tambem o cidadão... Araujo, não tem contracto com o padre Ramalho, não é verdade? Pois se o não tem, para que andou a pedir aos pequenos commerciantes e tasqueiros das aldeias para comprarem azeite ao sr. padre Ramalho? Era, talvez, por mero favor; não é verdade? Pois creia o sr. Araujo que pode andar como quizer, que, por mais voltas que dê, não consegue descalçar esta bota. O negocio entre este funcionario e o padre Ramalho está de tal fórma intrincado que até não figura no contracto a firma de nenhum d'estes cidadãos, mas sim do sr. José Bernardo Ramalho, com grande e importante estabelecimento no Miradouro, em nome de quem são passados os talões nos recibos da importantissima venda do azeite. Querem, pois, saber os leitores quanto este negociante paga de avença por trimestre? A insignificante quantia de 17 mil e tantos réis! Ora ahí está o principal factor do descalabro. Quer mais provas o sr. Araujo? Decerto que sim. Pois creia o cava-

lheiro que o seu monopolio é de tal fórma sabido do publico que até as proprias auctoridades judicias do concelho de Guimarães sabem d'elle, pois que ainda não ha muitos dias que estando nós em conversação com um digno magistrado judicial e falando-se a respeito do... *arranjinho* que o padre Ramalho queria fazer com o azeite hespanhol e cujo ninho as auctoridades administrativas depressa descobriram, nos disse que já ha muitos annos ouvia falar no rendoso negocio que existia e existe entre o padre Ramalho e o cidadão... Araujo, com prejuizo para o Estado.

Os snrs. negociantes cá do berço da... extinta monarchia é que deviam protestar contra este funcionario que não só lhes está a fazer enorme concorrência na venda do azeite, como ainda lhes está augmentando no imposto; isto aos que, por festas d'annos, não levam o presentinho a casa do sr. ... Araujo, e que preferem ser subjugados a mexerem-se para coisa alguma.

Emquanto a outros descalabros e abusos praticados pelo referido funcionario, reservamo-nos para d'elles dar conhecimento no tribunal, isto se o illustre Ministro das Finanças der tempo a que o sr. Araujo nos permita ouvi-lo ali. Parece podermos afirmar que não levará muitos dias que o alludido funcionario seja suspenso do seu logar.

Quando um diario da capital noticiou, no tempo do governo provisorio, n'uma local em que muito resumidamente e em logar que mal se via, os abusos do cidadão... Araujo, este andava assustado, e tanto assim que estava vendo quando uma rigorosa sindicancia lhe caía em cima, pelos seus actos; porem o caso agora vai ser mais summario; salvo se as nossas informações errarem.

Por hoje, sr. director, não roubamos mais espaço ao seu jornal, por que d'elle deve precisar para outras materias, e creia-me

De V...

Um assignante.

Guimarães, Dezembro de 1911.

N. R. — A imprensa noticia que foi mandado proceder a uma sindicancia aos actos do pessoal dos impostos em Guimarães.

Todos os artigos publicados nesta secção são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.



# A MODA EM GUIMARÃES

Encontra-se sempre na CHAPELARIA e GRAVATARIA MARTINS, unico estabelecimento que apresenta ultimas novidades em Chapéus, Bonets, Gravatas, Collarinhos, Suspensórios, Peugas, Lenços, Ligas para homem, Botões de punho, Bengallas e Guarda-chuvas.

ARTIGOS PARA MILITARES

CACHE-COLS

SAPATOS DE BORRACHA

Agente da casa de carimbos de borracha de JOÃO H. VIEIRA, de LISBOA

**MANOEL C. MARTINS**

7, Passeio da Independencia, 9—GUIMARÃES



DE

## LOJA DO BENJAMIM

### Benjamim de Mattos—Toural, 105—GUIMARÃES

Estabelecimento de fazendas de lã, seda e algodão; fazendas brancas e miudezas, malhas e perfumarias.

A casa que tem melhor sortido e que mais barato vende todos os seus artigos

RENDAS—Bordados a pezo e ás peças—Lenços e Echarpes de seda—Pannos para enxovaes etc.

Sabonetes marca BENJAMIM e PRINCEZA a 100 e 60 reis.

Sempre saldos de occasião



ATENÇÃO—Por causa dos falsificadores de taboetas, publica-se a photogravura do chefe da casa, para evitar confusões.

Correspondente das principaes fabricas de Bicycletes, camaras d'ar, pneumaticos e todos os accessorios para Bicycletes.—PREÇOS BARATISSIMOS

### PROSPERIDADE

Companhia de Seguros e Reseguros

PORTO

Agente em Guimarães: ANTONIO JOSÉ PEIXOTO DA COSTA

### DINHEIRO

Empresta-se sobre penhores na casa penhorista da Rua das Lamellas, n.º 31—A—, junto á Praça de S. Thiago, a juro barato. Seriedade e segredo.

O proprietario,

João Vellozo d'Araujo.

### DROGARIA MODERDA

DE

Fernandes Guimarães & Irmão

78, Rua da Republica, 80

(ANTIGA RUA DA RAINHA)

GUIMARÃES

Papeis pintados para forrar casas

Estabelecimento de vidraria e ceriaria, oleos, tintas, vernizes, vidros, cera em vellas e muitos outros artigos pertencentes ao mesmo ramo

## LUIZ DE PINA

Rua de Payo Galvão

(Em frente á Sociedade Martins Sarmento)

GUIMARÃES

Serralheria mechanica e civil

Premiada em 1.ª classe na Exposição Industrial de 1884 e Agricola de 1910.

Grades, portões, cancellas, cofres e fogões, modelados pelo que ha de mais artistico no genero.

Bombas, noras, tubagens, latadas, prensas para lagares, etc.

LOUÇAS VIDROS E CRYSTAES

NACIONAES E ESTRANGEIROS

Sortido de serviços para jantar e para chá: serviços para lavatorio jarras, bijuterias para brinçes, louças avulso, etc.

### Camillo Larangeiro dos Reis

TOURAL

Sortido completo em lanificios

DEPOSITO DE MALAS  
VINHOS BRANCOS ENGARRAFADOS

### ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assignatura	Preço das publicações
Anno . . . . . 1\$200 rs.	Annuncios e communicados, por linha . . . . . 40 rs
Semestre . . . . . 600 "	Repetição, por linha . . . . . 20 "
Brazil, anno (moeda forte) . . . . . 2\$500 "	Permanentes, contracto convencional.
Numero avulso . . . . . 20 "	Annuncios, não judiciais, para os snrs. as signantes 25 % de abatimento.

ALVORADA

Ao Cidadão